

O Pacote 51

ELIO GASPARI

Uns com tanto/outros tantos com algum/mas a maioria sem nenhum./Essa história de falar em só fazer o bem/não converce/quando o efeito não vem.

Porque somente as palavras não dão solução/aos problemas de quem vive em tamanha aflição.

“Maiores sem nenhum”, de Elton Medeiros e Mauro Duarte, lindamente cantada no CD “Samba na madrugada”.

Do que o Governo fez até agora resulta o seguinte:

A turma dos “com tanto” deve colocar uma fotografia de FFHH na sala de suas casas, com luzinha vermelha e flores de plástico. É um santo. Quem tinha R\$ 200 mil numa aplicação conservadora, faturava R\$ 2,8 mil mensais com os juros. Com a nova taxa, ganhará R\$ 5,6 mil. Admitindo-se que a tanga do pacote tome a esses sem-crise R\$ 1,8 mil mensais, entre o aumento do Imposto de Renda, a gasolina do BMW do doutor e do Corsa da madame, a crise financeira mundial deu-lhes de presente pelo menos mil reais por mês. Os “com tanto” gamaram um abono de Natal.

Os “outros tantos com algum” podem ganhar o seu se colocarem na poupança a viagem a Nova York programada para as férias. Caso sejam funcionários públicos, mutuários da casa própria ou, por qualquer outra razão, estiverem endividados em TR, nem isso. Num cálculo grosseiro, quem vive num domicílio de classe média e tem menos de R\$ 10 mil na poupança virou com-crise, pois o que vão lhe tomar entre impostos, gasolina e uma discreta alta de preços não compensará o que os juros Malar-Franco dão à turma de cima.

A maioria que está sem nenhum só resta um conselho. O mesmo que um general inglês deu ao exército iraquiano durante a Guerra do Golfo, em 1991: “Se vo-

cê vai combater no deserto e não tem superioridade aérea, sente-se e reze.” Rezem pelo emprego.

O Governo está bancando sua aposta na sobrevalorização do real com uma mistura de palavrório e tanga. Para quem dizia que não baixaria pacotes e passou a dar um choque na economia a cada cinco dias (os juros, o pacote e a provável alta das tarifas de importações), FFHH mostra-se desorientado.

Quer convencer, e talvez esteja convencido, de que há uma crise financeira mundial. Não há. Quando o presidente do banco central alemão festeja a quebra, indica que ela é exclusiva dos jogadores e das nações cujos governos apostaram em déficits de contas correntes e/ou moedas sobrevalorizadas. Isso para não mencionar o presidente do banco central americano, Alan Greenspan, que antecipou o preço da “exuberância irracional” das bolsas e não mostra pena de quem está sendo frito no pregão.

Só um governo desorientado é capaz de baixar um pacote tributário e fiscal esquecendo-se de chamar às reuniões o mi-

nistro da Indústria e do Comércio. Dispensaram o ministro Francisco Dornelles, um ex-secretário da Receita Federal, que entende mais de impostos que todas as ekipekonômicas formadas nos últimos 20 anos. Ele poderia informar, por exemplo, que a cada aumento do imposto sobre a bebida corresponde um surto de sonegação que resulta em perda de receita.

Só um presidente desorientado diz que “apenas 8% da população brasileira pagam Imposto de Renda”. Trata-se de uma relação incorreta. Para ficar mais compreensível, tome-se o caso da família dos professores Fernando Henrique e Ruth Cardoso nos anos 70. Eles faziam duas declarações de Imposto de Renda. Estavam, portanto, na minoria dos 8%. E onde ficariam os seus três filhos menores? Jogados ao mar? Os declarantes eram dois, mas *chez* Cardoso as bocas eram cinco. Nessa proporção, o número de bocas turgadas pelo aumento do IR equivale a 20% da população.

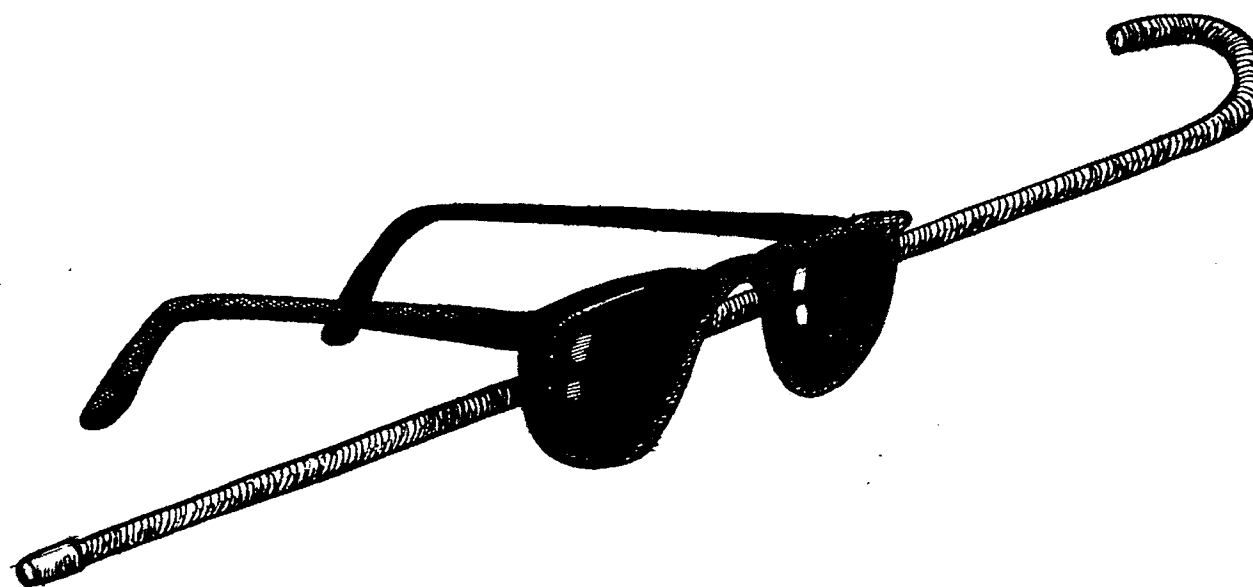
Se o pacote, com suas 51 medidas, reduz as despesas públicas em 20 bilhões

ao ano, essa cifra equivale ao custo adicional do pagamento dos juros da dívida pública. Ou seja, o Governo subiu os juros, transferiu renda para os “com tanto”, e foi buscar nos andares debaixo o que deu de presente aos brasileiros e estrangeiros que mamam no papelório.

O Planalto cortou despesas que não existiam (suprimindo 70 mil cargos vagos) e se esqueceu de olhar para despesas que existem. Ele gastará R\$ 450 milhões em publicidade autoglorificativa. Estimando-se em mil reais a média salarial dos 30 mil servidores que pretende demitir, esse erário seria suficiente para conter o massacre e ainda sobriaria dinheiro.

Só um governo desorientado é capaz de cortar cinco mil bolsas de ensino e pesquisas dez dias depois de ter dado em plena crise um aumento irracional e maroto de R\$ 560 mensais a pelo menos sete mil burocratas do Ministério da Ciência e Tecnologia. Tratava-se de organizar a carreira dos 2.500 cientistas e pesquisadores com nível superior e dedicação exclusiva. O ministro José Israel

Cláudio Duarte



Vargas, da Ciência, prevaleceu sobre o da Administração, Bresser Pereira, e enfiou todos os funcionários do MCT em funções de nível superior. Padrinho da gracinha que aumenta burocratas num plano de carreira de cientistas dez dias antes da emissão de um pacote que degola os bolsistas: Clóvis Carvalho, ministro chefe do Gabinete Civil.

Faltou ao Governo desorientado o sentimento da compaixão. As 30 mil vítimas do massacre de servidores foram contratadas há mais de dez anos. Nada impedia que o pacote preservasse os empregos dos pais de família que comparecem ao local de trabalho e ganham até dois salários-mínimos.

Se esse exemplo fosse pouco, só a falta de misericórdia justifica a suspensão, por 90 dias, da concessão de novos benefícios a idosos e deficientes. Mais de 70% dos benefícios da Previdência equivalem a menos de dois salários-mínimos. Ou os idosos e deficientes são vigaristas e nesse caso não deveriam receber benefício algum, ou FFHH e seu ministro, Reinhold Stephanes, poderiam explicar o que significa caloteá-los por 90 dias. Por que não 900? Nunca é demais lembrar que ambos recebem, todo santo mês, o gordo dinheiro de suas aposentadorias. Aos 67 anos, FFHH é um idoso por direito de conquista. Aposentado aos 48, Stephanes é um idoso por abuso adquirido, como diria o ministro Pedro Malan.

As intenções de FFHH podem ser as melhores, mas o seu Pacote 51 é uma costura de fumaça. Apedreja quem não tem e afaga quem tem. Mostra-o incapaz de associar o que diz ao que faz. Há dias, na sua entrevista coletiva, ele se saiu com uma frase digna de um dos grandes sambistas do Estácio. É o caso de lembrá-la e esperar que vá em frente:

— A mente tem que entender a realidade.

ELIO GASPARI é colunista do GLOBO.